

Trama & Urdume

Recontada por Eesha Sardesai

A terra sob os pés de Niyol era macia, seca e laranja-avermelhada. À sua maneira, esse solo era fascinante de se olhar – hipnótico até. Havia todas aquelas pedras e calhaus nele cravejados, diferentes na forma, cor e tamanho. Havia todos aqueles animais e insetos que fizeram suas casas por ali. Havia as plantas que davam textura e dimensão a essa terra; uma história enraizada em algo profundo e real acontecendo ali.

Ainda assim, Niyol estava sempre mais interessada no céu. Sua mente não precisava de desculpas para entregar-se aos fantásticos domínios lá de cima. Certamente, onde ela morava no sudeste americano, o céu era estonteante. Ao pôr do sol, era roxo e laranja – coisa de sonhos.

Niyol estava sentada do lado de fora da casa da família, assistindo as nuvens flutuarem pelo céu do anoitecer. Ela via muitas formas naquelas nuvens: um coelho, um pássaro, um coração, uma abelha.

Conforme contornava essas figuras com o dedo, ela ouviu um barulho não muito distante. *Ploc, ploc. Ploc, ploc.* Seus olhos se voltaram para baixo.

Diante dela havia um burro caminhando lentamente pela estrada empoeirada. *Ploc, ploc. Ploc, ploc.* Sobre suas costas, um grande fardo de lã.

Ele deve estar indo para a tecelagem do meu pai, pensou Niyol. Seu pai era um tecelão, e uma vez que a lã fosse fiada, ele a teceria manualmente, transformando-a em tecido. Ela voltou a olhar para as nuvens.

Ploc, ploc. Lá estava novamente – o barulho. Só que desta vez parecia haver mais cascos na estrada. Niyol olhou para baixo, e, com certeza, lá estava um outro burro. Na verdade, fixando melhor o olhar, ela viu três burros. Não, espera, quatro! Ou seriam cinco?

Os burros continuavam vindo pela estrada, um atrás do outro, com imensos fardos de lã amarrados sobre as costas. Conforme Niyol os observava, começou a ficar um pouco preocupada. O que seu pai faria com toda aquela lã? Para onde iria? Como tudo aquilo seria rapidamente transformado em tecido? Seu pai só tinha um tear. Quem vai tecer e quem vai urdir?

O céu estava escurecendo, e as pálpebras de Niyol começaram a pestanejar. *Quem vai tecer?* – perguntou-se. – *Quem vai urdir?*

Trama, urdume... As palavras ecoavam em algum recôndito de sua mente. *Trama, urdume...* E logo, Niyol adormeceu.

Como um espiral perante seus olhos – o cenário mudou. Agora Niyol estava sonhando, e em seu sonho ela via um bando de figuras embaçadas vindo de longe. Conforme se aproximavam, elas entravam no foco de sua visão. Viu que tinham uma aparência desgrenhada. E quatro pernas. Havia algum tipo de carga nas costas de cada um deles. *Ah, não!* Niyol suspirou. *Burros!*

Seus olhos se abriram de supetão; ela respirou bruscamente, deixando o ar sair apenas quando percebeu que acima dela lá estavam as estrelas e o céu noturno silencioso. *Ahhh!!!* Ela se sentou e piscou os olhos.

E então, piscou novamente. Esfregou os olhos e examinou o que estava diante dela. *Não,* – pensou – *não pode ser!* Novamente lá estavam, os burros, dois, quatro, seis deles marchando como algum tipo estranho de tropa. Os fardos de lã sobre suas costas quicavam a cada passo.

As perguntas novamente inundaram a mente de Niyol. *Quem vai tecer? Quem vai urdir? Tanta lã!* – sussurrou para si mesma. *Tanta lã...*

Conforme o pensamento dos burros e a imagem da lã dominou seu cérebro, Niyol escorregou lentamente para o chão. Antes que pudesse perceber, havia retornado para a terra dos sonhos, e lá estavam novamente, os burros. Exceto que desta vez, parecia haver centenas deles, e eles passaram a cantar: *Quem vai tecer? Quem vai urdir?*

Niyol acordou novamente e se sentou ereta, apenas para descobrir: *Não, não, não!* Outra fileira de burros caminhava pela estrada. Ela começou a tremer. Suas mãos suavam. *Não estou me sentindo bem* – pensou. Levou a mão à testa; estava um pouco quente. *Estou com febre!* – pensou.

Mais uma vez a pergunta sobreveio: *Quem vai tecer e urdir?* Conforme a noite virou dia, ela continuava resmungando essa pergunta passivamente.

O pai de Niyol, que estava logo atrás da porta, calhou de ouvi-la, ao passar.

– Niyol – ele chamou, conforme saía da casa – o que é isso que você está dizendo?

– *Quem vai tecer? Quem vai urdir?*

Ele olhou para Niyol com preocupação.

– O que você quer dizer com “*Quem vai tecer e urdir*”?

Então, ele viu os burros.

– Ahhh – disse ele – não se preocupe, minha filha. Farei tecidos com aquela lã.

Niyol não ouvia.

– É que, tem *tanta* lã! – exclamou. – *Quem vai tecer? Quem vai urdir?*

Seu pai tentou novamente explicar, mas em vão. Então, ele tentou distrai-la, apontando para algumas plantas que haviam brotado. Isso também não funcionou. Niyol estava com ideia fixa. *Quem vai tecer? Quem vai urdir?*

Finalmente, o pai de Niyol jogou as mãos para o alto e foi buscar ajuda. Ele conhecia um homem sábio que vivia por perto. Esse homem sempre achava uma solução para os problemas mais estranhos. Talvez, *ele* soubesse o que fazer com sua filha.

Niyol continuava sentada no degrau da entrada da casa quando seu pai retornou com o homem sábio. Ela repetia quase que sussurrando: *Quem vai tecer? Quem vai urdir?*

O homem se ajoelhou ao lado dela.

– Qual é o problema? – perguntou gentilmente.

– É a lã! – a jovem disparou, com um olhar selvagem. – Há *tanta* lã! *Quem vai tecer e urdir?*

– Ah, sim – disse o homem – a lã.

– Você está sabendo sobre a lã? – perguntou Niyol.

– Sim, sim, claro que sei – disse o homem. Ele fez uma pausa e de repente seu tom de voz mudou, ficou mais sério. – Mas você não ouviu as notícias?

– Que notícias? – perguntou Niyol.

O homem respirou fundo. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

– Bem, toda aquela lã foi trazida para a loja do seu pai. Mas então... aconteceu um incêndio.

Ao ouvir aquilo, o pai de Niyol ficou atônito. Ele não tinha ouvido falar sobre nenhum incêndio. Estava prestes a abrir a boca para falar, mas o homem sábio levantou a mão para ele.

– Sim – disse o homem, ainda olhando para Niyol. – Houve um incêndio na loja do seu pai. Não se preocupe, a loja está bem. No entanto, toda lã que você viu, tudo aquilo amarrado nas costas dos burros, *aquilo* tudo já desapareceu completamente. Não tem mais lã.

– Não tem mais lã? – Niyol sussurrou surpresa.

– Não tem mais lã – respondeu o homem sábio.

Niyol sorriu, e o brilho de seus olhos havia retornado. Ela começou a rir.

– Não tem mais lã! – gritou.

E então, Niyol se ergueu de um pulo só e começou a dançar. Girou, girou e girou. Lançou os braços para cima, inclinou a cabeça para o céu. Seus pés mal tocavam a terra.

